

Massimo Canevacci. *A Cidade Polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Studio Nobel, 1993.

Olgária Chain Matos

Professora do Departamento de Filosofia - USP

No ensaio “O Olhar Viajante (do etnólogo)” (1989), Sérgio Cardoso sugere três modalidades de antropologia: a *etnocêntrica* – aquela por onde só se encontra o esperado, *não viaja*; com olhar atento e concentrado, captura de antemão; a “intransitiva” como a de Marcel Mauss, conservando dois diários – o de campo (do “observador”) e o íntimo onde se desespera do choque entre culturas, de sua uniliteralidade, suas áreas de incomunicabilidade e de mistério; por último, a da *viagem* – a de Clastres, por exemplo: o encontro com o outro – primitivo ou selvagem, não consiste em um limite externo, ao contrário, é possibilidade de ampliação, de totalização.

Massimo Canevacci *viaja*. É de familiaridade e estranhamento sua decipração de São Paulo. Seu livro possui um “centro virtual” – primeiramente, as tonalidades como fonte de interpretação: “há cores que evocam determinadas cidades e somente elas, e outras que fazem imaginar cidades invisíveis como no livro de Ítalo Calvino (1990). Do material – a cor vista – desliza-se para a *imaginada*, a “iluminada”. Como Claudel dizendo: “Há um azul do céu que é tão azul que só o sangue é mais vermelho”.

O presente trabalho fala de São Paulo polifônica: azul, cinzenta, vermelha atonal; da comunicação urbana midiática, de Nova York à “safra protestante” em expansão na cidade, nunca um destes objetos coincidindo consigo mesmo: “já dissemos muitas vezes – seguindo nisto Gregory Bateson – que o mapa não é o território. Sejam mapas mentais, sejam os metropolitanos”. Razão pela qual a semiologia é, para Canevacci, importante no entendimento do *sagrado medieval* nas “catedrais góticas modernas”. O autor reconhece “nos templos McDonald’s o mimetismo sacral do profano e a intrusão profana do sacro nas cidades escrevendo “ser possível assistir (...) ao ‘sacro’-encontro com estas fugas profanas, observando-se o McDonald’s da rua Henrique Schaumann. Com um estilo que é, ao mesmo tempo, surpreendente e descarado, uma arquitetura que, mais do que cita, claramente copia, (...) reciclou os símbolos da religiosidade urbana da idade média em

pleno centro de São Paulo. Uma fachada triangular se eleva como se quisesse estabelecer contatos com o divino”. (Canevacci, *ibidem*)

Pode-se notar, nesta passagem, o quanto a antropologia é feita do choque entre as culturas, daquilo que as faz, justamente, estrangeiras e traduzíveis uma na outra. Esta “doação de sentido” parece *exceder*, a nosso olhar paulistano, a análise e interpretação de seu objeto. Diz Canevacci: “na lateral há uma torre que pareceria inspirada em São Geminiano ou em Assis” (Canevacci, *ibidem*). Impossível, àquele que lá esteve ou a visitou imaginariamente, defrontar-se com esta afirmação, sem um sobressalto, fruto, talvez do amoroso arrebatamento do autor por seu objeto, com o qual se comunica na forma da adesão e do enobrecimento.

O autor abandona, porém, o método fenomenológico que por alguns momentos poderia aniquila-lo para se precaver contra o evidente que, por vezes, transmuta-se em “significações”, preferindo manter-se no plano *semiológico*. Assim escreve: “É interessante observar o destino semiótico da presença McDonald’s. Antes, da sua marca: um ‘M’ amarelo, grande e profano é colocado lateralmente como se não devesse prejudicar a sacralidade da construção; um outro ‘m’ menor, encima a torre, contentando-se em desenhar uma espécie de evocação *tromp d’oil*” (Canevacci, *idem*). O sucesso é assegurado e a anexação teológica se consuma de imediato: “Ou melhor, é devorada. Como um totem desprovido de tabu” (Canevacci, *idem*). Totem sem tabu, quer dizer, magia sem transcendência mitológica. Esta burocratização e formalização do sagrado, fôra diversamente analisada por Walter Benjamin, que, neste momento, não parece adequar-se às citações do autor: Massimo converte o que nos parece trivial em “insólito universal”. “Na Idade Média, sobrevive, já, uma idéia formal da mitologia: o princípio que confere poder, o mágico. Na Idade Média, este poder não pode mais ser legítimo: a igreja destruiu os senhores feudais que o conferiam, os deuses. Eis o que se encontra no espírito formalista da época. Esta procura conseguir poder sobre a natureza abandonada pelos deuses, de um modo indireto: pratica a magia sem base mitológica. Nasce uma forma de esquematismo mágico”.

Reconhecê-lo, não significa, por razões diversas, nem a Benjamin, nem a Canevacci, acolher a dessacralização como um *destino*. Neste sentido, Canevacci chama a atenção para um dos aspectos presentes no pensamento de Benjamin: “Seu método torna-se cada vez mais preciso: o estudo de Paris é a des-

truição da mercadoria. É a ressurreição das alegorias” (Canevacci, idem). Ruínas e alegorias é o que resta do poder destruidor do tempo. O caráter destrutivo do *flâneur* – que reconhece ruínas nos monumentos das cidades, *antes* e independentemente de seu desmonoramento, por serem mercadorias, trabalho morto, espacializado em produtos – tem missão redentora: “Se o caráter destrutivo ama as ruínas, não é de forma alguma em si mesmas, mas pelos caminhos que se desenham entre elas”. Destruição e reparação, portanto. *Trabalho das Passagens*: Passagens-aquários humanos, onde se acumulam mercadorias, comércio de luxo, jogo, prostituição, microcosmo e colagem, lugar de fantasmagorias e reificação. *Passagens*, ainda: súbito recurso ao pietismo cristão, fratura entre a *Cidade dos Homens* (irreal, “alienada” da graça divina) e a *Cidade de Deus*. Somos peregrinos nesta Terra. Desencantamento e reencantamento do mundo pela Imaginação, pela “religião”.

É bem verdade, e toda a primeira parte do livro de Canevacci trabalha o tema, a comunicação urbana, em um mundo “sem homens e sem deuses”, faz-se por *video-scape*, instituindo-se um universo dessimbolizado. *Video-scape* este que interpreta e cristaliza imagens, impedindo-nos de imaginar: “o *Shopping Center*, escreve Canevacci”, é o território fechado e controlado da democracia ocular. Dentro dele se pode exercitar como dom de si mesmo, baseado na reciprocidade da oposição ao *status-game*.

Ao eletrônico, estático e polimorfo, alia-se o *estruturalismo* de Lévi-Strauss. A obra *Tristes Trópicos* pressupõe menos uma reflexão sobre a alteridade e a historicidade e mais essencialmente, uma unificação etnocêntrica do imaginário: introduzindo no renomado *Tristes Trópicos*, a cidade de São Paulo, diz Canevacci, “o autor lembra imediatamente que o trópico passa em plena cidade (...). Um início que não é absolutamente casual, enquanto introduz a dimensão da tristeza tropical que envolve a maior cidade da América do Sul”. No mesmo livro, lê-se, ainda, que “as cidades americanas passaram da barbárie à decadência sem conhecer a civilização”. O que, para Canevacci implica numa colonização clandestina do imaginário do leitor, no sentido de incorporação de uma visão da história *binária* (progresso/decadência) e *eurocêntrica*. O *espaço* estruturalista continuaria a tradição aristotélica, não sendo senão um *continuum sucessivo*, como o tempo, um *continuum simultâneo*, o que faz do estruturalismo um neo-etnocentrismo: “(nos textos de

Lévi-Strauss) transita-se muito frequentemente de uma cidade como São Paulo a uma aldeia bororo (...). Já citamos muitas passagens, nas quais se diz com clareza como, justamente, as categorias *espaço-tempo* constituem os principais culpados (Espaço e Tempo, 'diz Lévi-Strauss', se confundem tanto para os amonitas como para as grandes cidades" (Canevacci, idem). História, unidimensional, portanto. Lembremos, por curiosidade, que Lévi-Strauss não gostou de São Paulo, não gostou tampouco, como disse Caetano em sua canção, da Baía de Guanabara. *Como um estrangeiro*.

Por sua versatilidade metodológica e melódica, o livro de Canevacci é uma "São Paulo em transe". A mediunidade e o êxtase podem ser os da ubiquidade das cidades, de sua invisibilidade tanto quanto resultado da multimídia. Interpretação que se torna mais plausível quando Massimo incorpora a seu livro um conto de Guimarães Rosa. Em "A Terceira Margem do Rio", sabe-se o conto procede, entre outras, à desformalização do tempo, este, inexplicável e incompreensível.

Massimo mostra que toda cidade tem o dom da profecia, ou como observa Marilena Chauí (1981), "não possui apenas propriedades métricas, pois perto e longe nascem de nossa fadiga ou esperança; aberta ou fechada exprime nossa ousadia ou temor, traz essências afetivas como o lugar onde nascemos, onde mortos queridos estão enterrados, onde um amor começou ou uma guerra aconteceu". Da mesma forma, não há no pensamento de Massimo nenhuma cisão entre arcaico e moderno, decadência e progresso, barbárie e civilização. Por mais que exista o processo moderno de "tribalização" midiático de nosso mundo interno e dos grupos sociais, sobrevive "cidades invisíveis", as da Imaginação: "as cidades, certa vez revelou Guimarães Rosa, nunca desaparecem, tornam-se encantadas". Quem reergueu Tróia destruída, da qual as "próprias ruínas haviam desaparecidos", senão Homero?

Dessa geografia sentimental, Canevacci faz aflorar as *Cidades Invisíveis* de onde "retira o morar, o viver", a mudança conferida pelo poder da memória confirmando sua identidade. Para compreendermos o recurso à "terceira margem" – nem direita nem esquerda, mas "meio da correnteza" é preciso abrir-se à *deriva*. À maneira de "As Margens da Alegria" não há em Guimarães "dois Brasis", um "profundo, um moderno", "um tradicional, um futurista". No mais moderno da literatura, Guimarães Rosa faz reviver uma "Idade do Couro" e de jagunços para, por assim dizer, condensá-los à "cidade mais construída do

mundo” e jamais nomeada, presente por sua ausência: Brasília. Como dizia Mário Pedrosa: estamos condenados ao moderno. Isto por que “o sertão está em toda parte”. “Sertão Metropolitano”, nas palavras de Canevacci.

Em sua introdução Benjamin comenta: “perder-se e viver em São Paulo fez com que Roma se tornasse mais compreensível para mim estando em São Paulo, mas também o seu contrário. São Paulo se tornava mais passível de compreensão cada vez que voltava para Roma (...) O mais familiar e o mais estranho se apresentavam numa espécie de reciprocidade – cujo ponto de fuga é uma busca sem fim”.

As viagens, nos diz Massimo, são experiências de estranhamento, com relação a isso, Sérgio Cardoso tematiza o sentimento de *dépaysement* (termo forjado com tanta felicidade pela língua francesa, cuja significação se aproxima de nosso termo *desterro* se o tomássemos num registro exclusivamente psicológico, que sempre envolve o viajante, por seu caráter temporal, não testemunha a exterioridade e estranheza do mundo circundante, mas assinala sempre desarranjos internos do próprio território do viajante, advindos das fissuras e fendas que permeiam sua identidade. Pois as viagens nunca transladam o viajante a um meio completamente estranho, mas alteram e diferenciam seu próprio mundo interno, tornando-o estranho, mas alteram e diferenciam seu próprio mundo interno, tornando-o estranho a si mesmo (...). Compreende-se, pois, que o ‘estrangeiro’ está sempre já delineado – latente e invisível, nas brechas de nossa identidade, na trilha aberta por nossa própria indeterminação. Não podemos alcançá-lo fora, só o tocamos dentro (de nós mesmos), pagando o preço de nossa própria transformação”

Por fim, a pergunta: foram diversas as São Paulo que o autor viu em Roma, ou foi em Roma que o nosso autor reconheceu sob outro céu, outro país?

CALVINO, Ítalo

1990 *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras.

CARDOSO, Sérgio

1989 “O olhar do viajante”. in *O olhar*. São Paulo, Companhia das Letras.

CHAUÍ, Marilena

1981 *Da realidade sem mistérios aos mistérios do mundo*. São Paulo, Ed. Brasiliense.

PEDROSA, Mário

1981 *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo, Ed. Perspectiva.